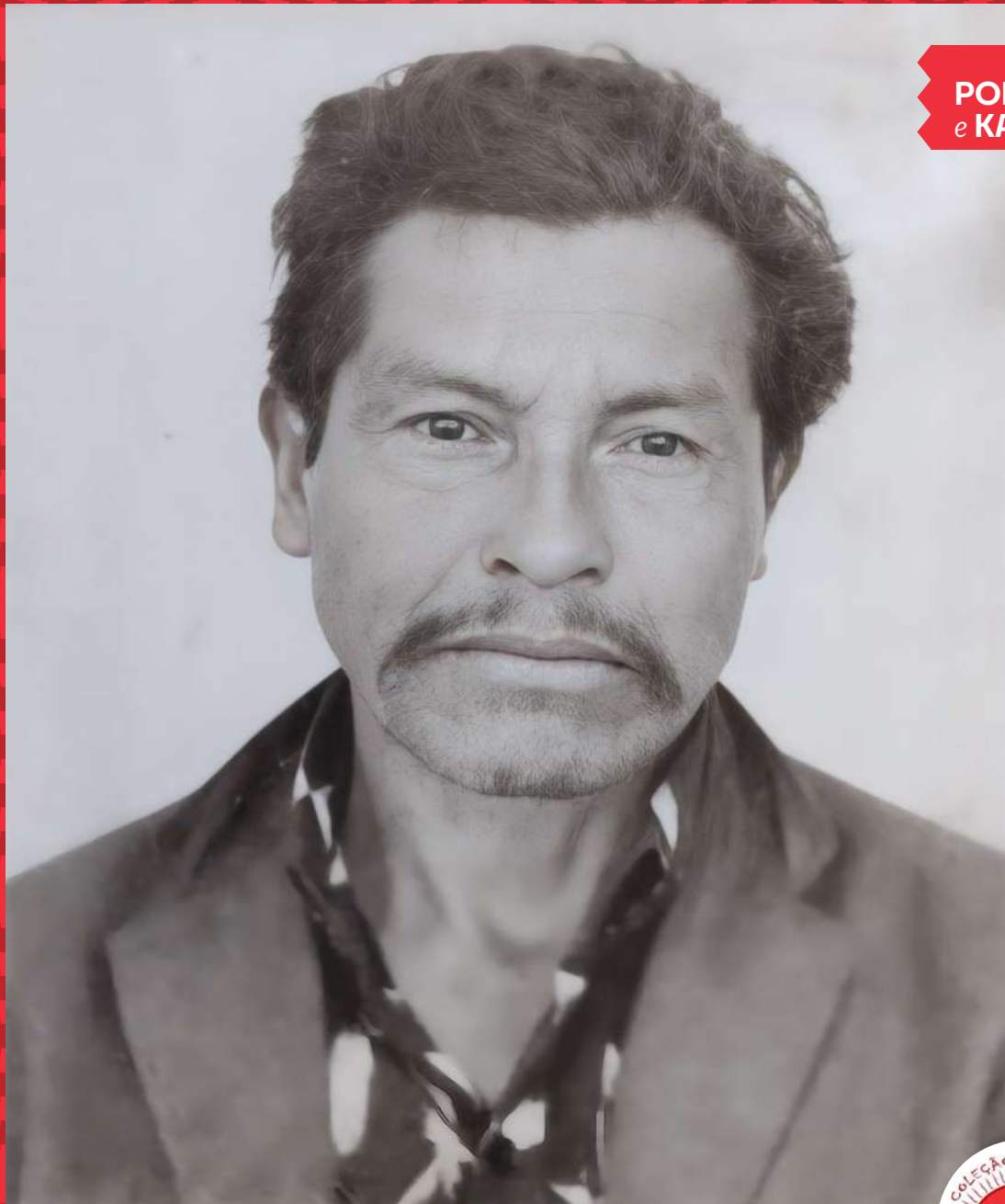


LEMBRANÇAS DE LUTAS E SAUDADES

Alzemiro dos Santos Kaingang

HQ em
PORTUGUÊS
e **KAINGANG**



O CEAI, Coletivo de Ações Indígenas, sediado na cidade de Ponta Grossa, vem atuando em várias frentes, o que inclui o desenvolvimento de trabalhos em alguns territórios indígenas, como a terra indígena de Mangueirinha.

Lá tivemos a honra de conhecer uma de suas lideranças mais sábias, atuantes e carismáticas.

Este livreto ilustrado conta algumas histórias a partir das lembranças desse líder chamado Alzemiro Ferreira dos Santos, indígena Kaingang, como também de uma grande guerreira e companheira de tantos anos de luta, sua esposa chamada carinhosamente de vó Chica, falecida no segundo semestre de 2022.

Em uma conversa gravada que parecia iniciar-se de maneira formal, para registro de alguns acontecimentos que somente quem os vivenciou poderia falar com propriedade, gravamos depoimentos sobre como era sua infância, ainda dormindo perto do fogo que o aquecia em um rigoroso inverno, acordando quente e saindo antes do sol descolar-se do horizonte, com a geada ainda queimando o mato do campo, correndo descalço para ir tomar banho no lajeado e voltando para tomar café.

Dentre tantos momentos vividos, a lembrança de um parente, seu primo-irmão, surgia entre um comentário e outro sobre política, que mudava sua fisionomia. «Kretã era meu irmão de infância», disse ele. «Mataram ele».

Esta HQ traz uma parte importante das suas vidas que se uniram para sempre enquanto ainda eram crianças e se separaram parcialmente enquanto o cacique Ângelo Kretã continuaria lutando dessa vez como ser encantado.

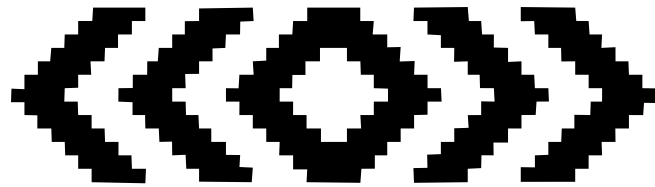
Ele foi um grande líder político, que acabou dando sua vida como muitos outros que viveram e morreram para assegurar que ainda existiria uma terra onde viveriam seus netos.

Esta HQ reproduz a transcrição de algumas dessas lembranças.

Nosso agradecimento eterno, especialmente à vó Chica.

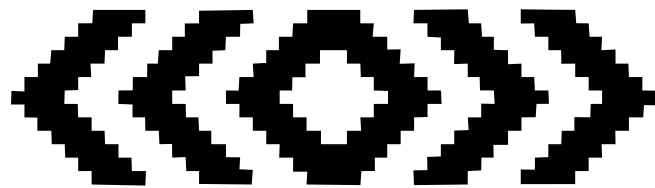






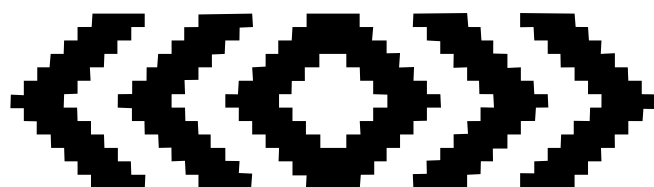
LEMBRANÇAS DE LUTAS E SAUDADES

Alzemiros dos Santos Kaingang



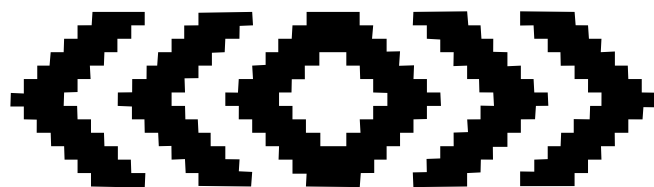






LEMBRANÇAS DE LUTAS E SAUDADES

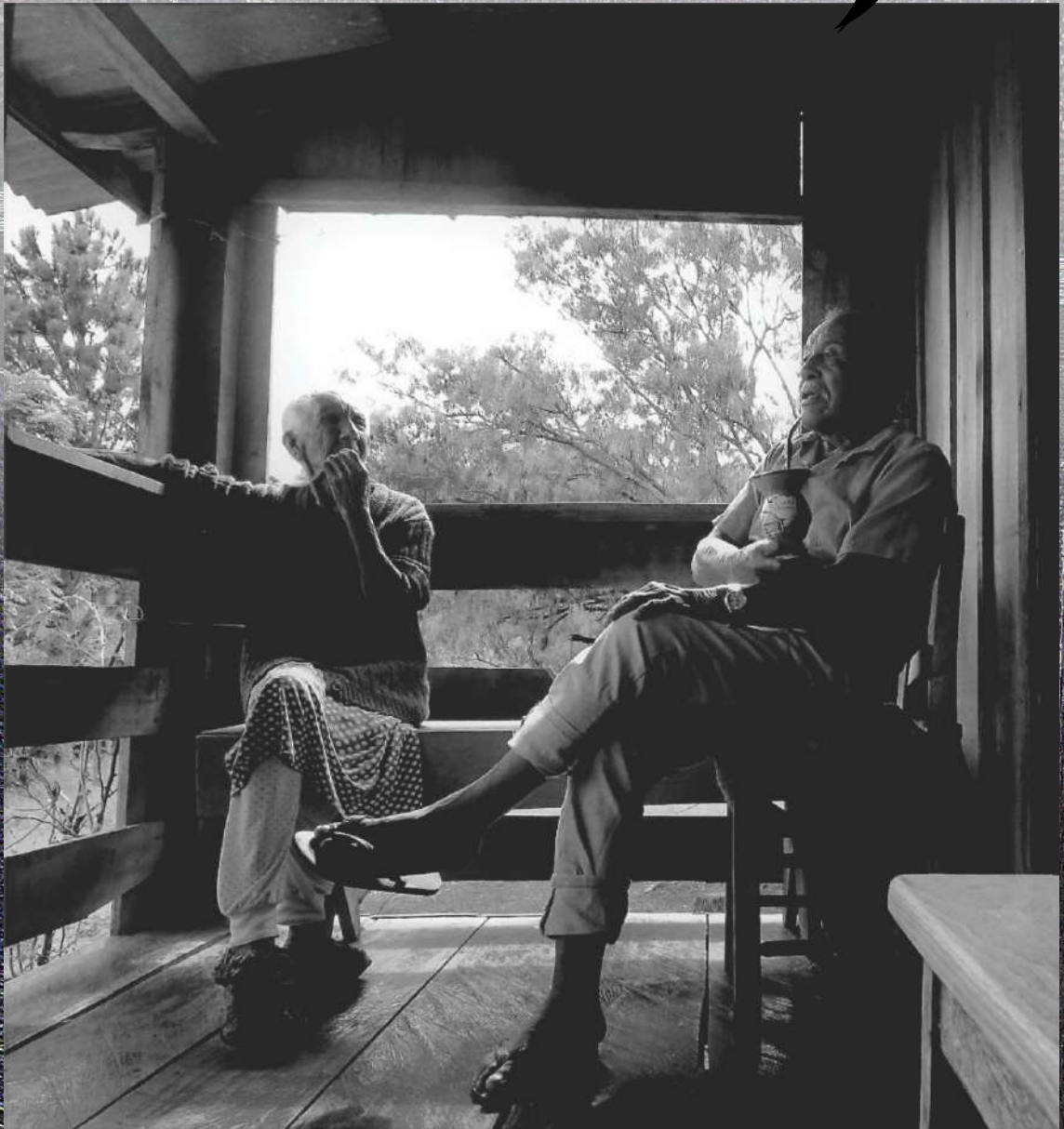
Língua portuguesa



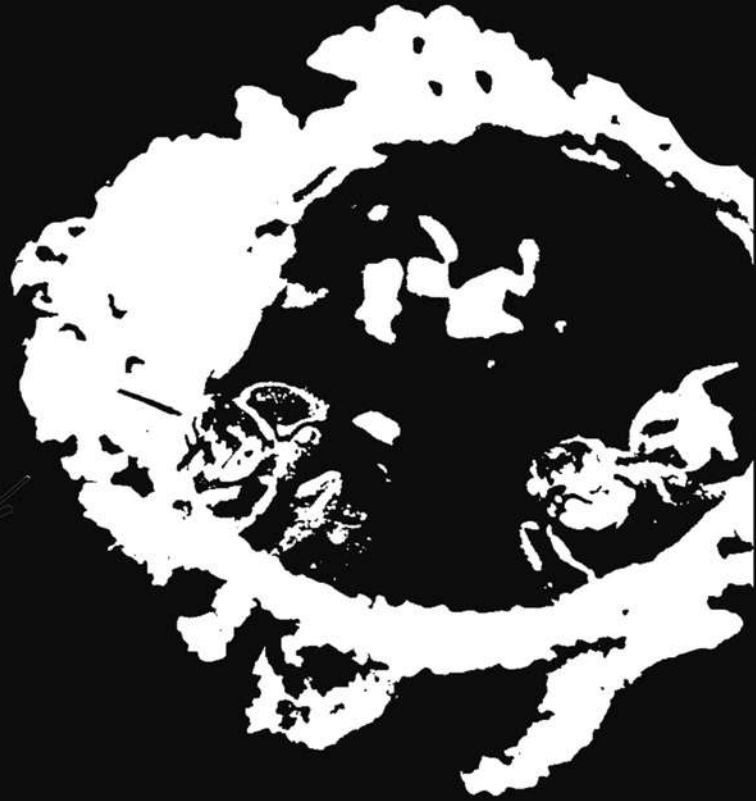
Sabe, Chica, eu estava lembrando como a gente lutou por essa terra que sempre foi nossa, tudo sempre foi difícil.

Quando eu era criança, não usava calçado, nem os velhos usavam calçado, eu só usei com dez anos.

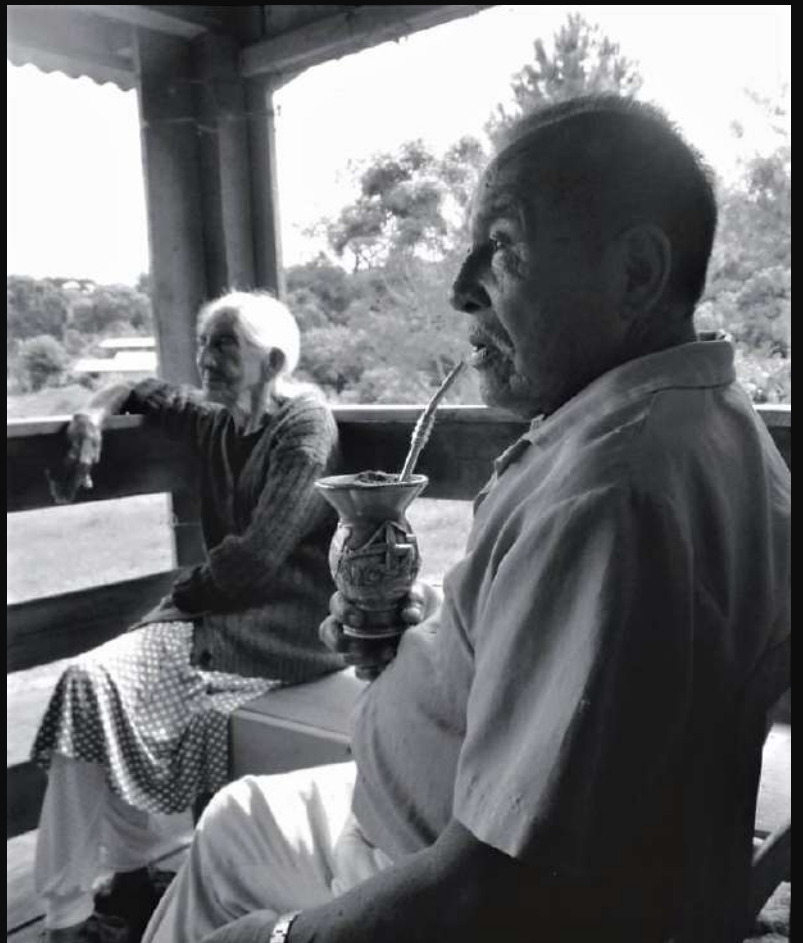
A gente dormia ao lado da fogueira. Era muito mais frio que agora. Depois, bem cedinho, a gente acordava e ia no lajeado, pisando na geada. Aquela fumaça do frio levantava e a gente se lavava lá, a água era mais quente que o ar.



Tinha caça, tateto, veado, paca, tatu, peixe. A comida era boa, a gente comia milho, pinhão, palmito, mate, fruta do mato, tinha abelha, muita abelha, Mandaçaia, Guaraipo, Mambuca, Manduvi, Tubuna.



A gente ia na venda com um niquelzinho, comprava farinha, uma muda de roupa e voltava com troco. Não tinha açúcar, era só mel que meu pai pegava na árvore.



Eu lembro da finada mãe do finado Ângelo. Ela fazia a gente sentar um frente ao outro e ela dizia: «Vocês não podem brigar, vocês são irmãos, vocês têm que se criar junto.» Depois quando ele virou cacique nós conversávamos assim. Ele nunca virou as costas para mim.

Quando a gente veio pra cá, tinha um chefe militar que diziam que era o encarregado. Eu cresci do lado do Ângelo, nós brincávamos nesses matos, nesses campos todos os dias. A internada era cheia de gado. Eles diziam que era nosso, mas hoje eles trazem carne só no dia do Índio, na hora que eles querem. Por quê?



*Num tempo em que nós tínhamos cavalos,
se dizia que tudo era feito a casco de
cavalo, as estradas eram feitas a cavalo e
nós dois cuidávamos de tudo, cavalgando.
Hoje não tenho mais.*



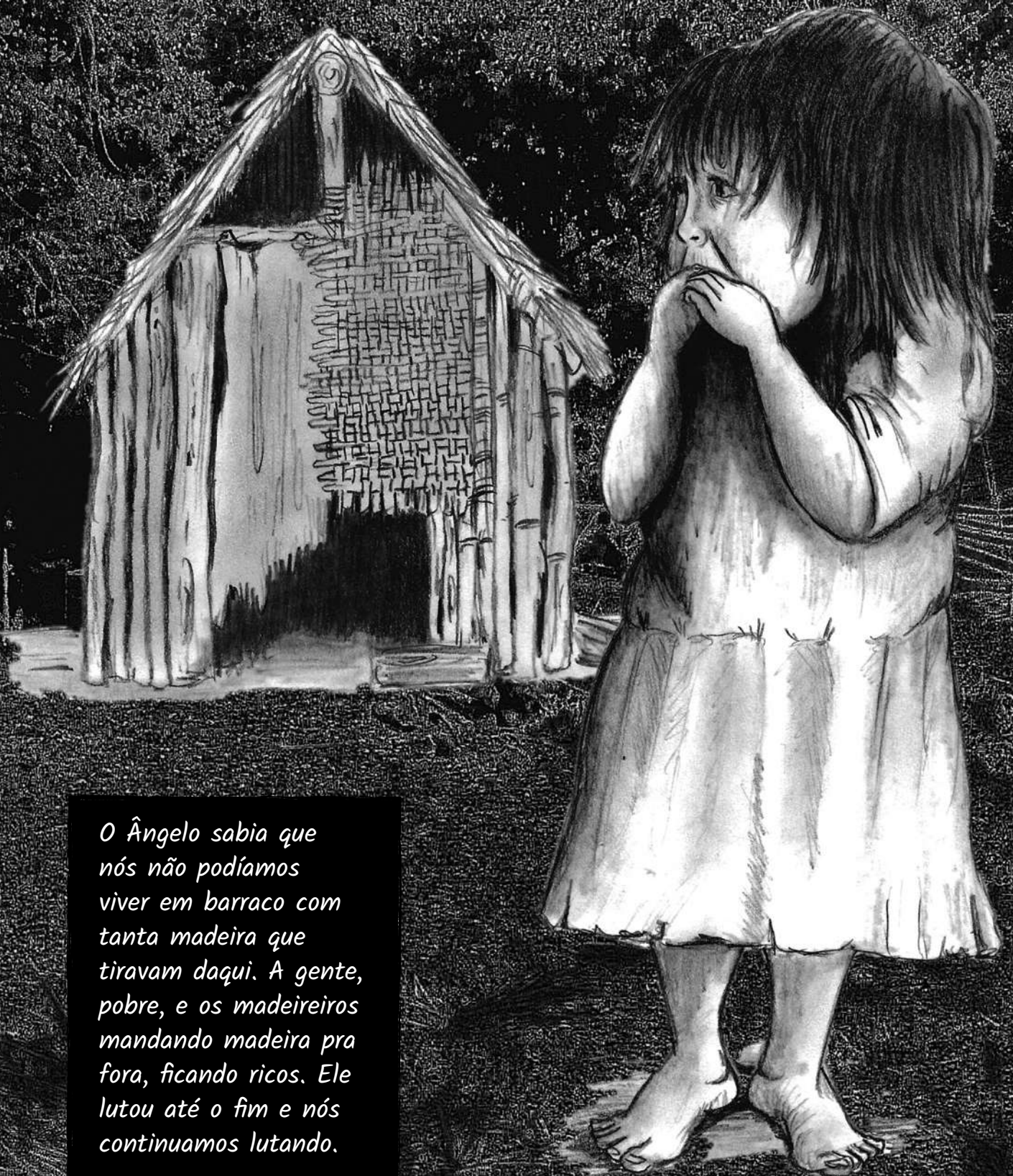


As nossas terras não foram dadas de graça, nós compramos com trabalho de abrir estradas pro governo quando isso aqui, as terras de Mangueirinha, não valiam quase nada. O exército só queria as estradas. Depois é que as madeiras, o governo e a FUNAI queriam tirar os pinheiros que estavam aqui, a maior reserva de pinheiro do Brasil.

Lembra das estradas, Chica? Teu irmão era o feitor quando abriram a estrada da «Criada Funda» até lá no Passa Quatro que os índios fizeram.

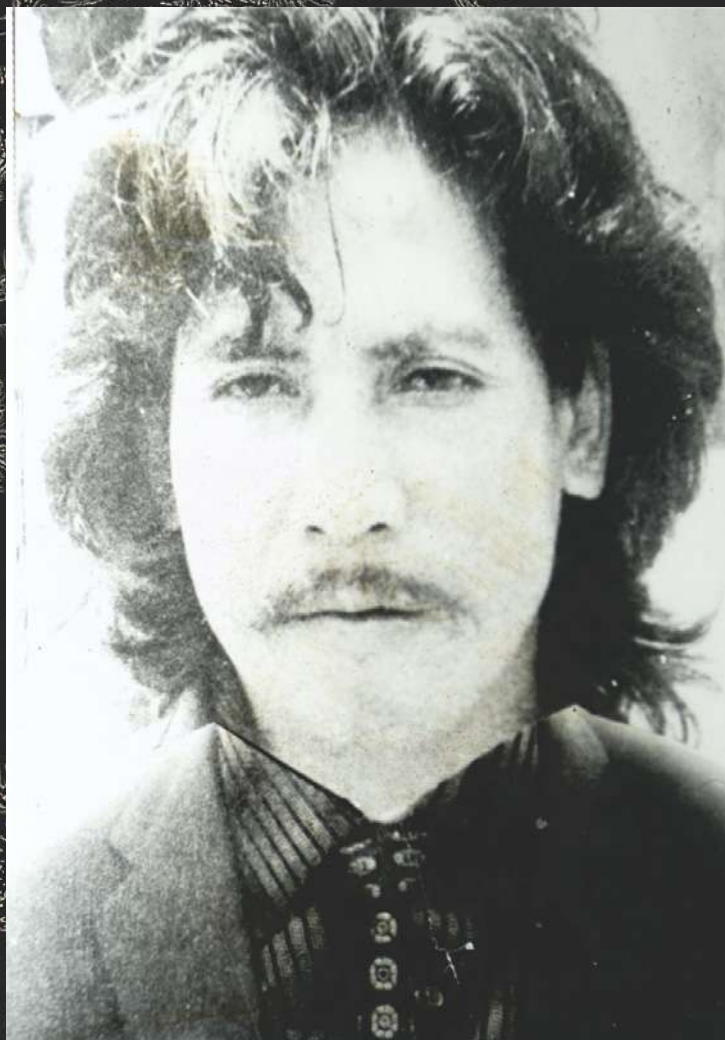
Derrubaram os pinheiros de 2 metros de grossura no pé. Era derrubado a machado, pois não existia serra. Rolavam a tora e cavoucavam com picareta pra tirar o pião do toco.





O Ângelo sabia que nós não podíamos viver em barraco com tanta madeira que tiravam daqui. A gente, pobre, e os madeireiros mandando madeira pra fora, ficando ricos. Ele lutou até o fim e nós continuamos lutando.

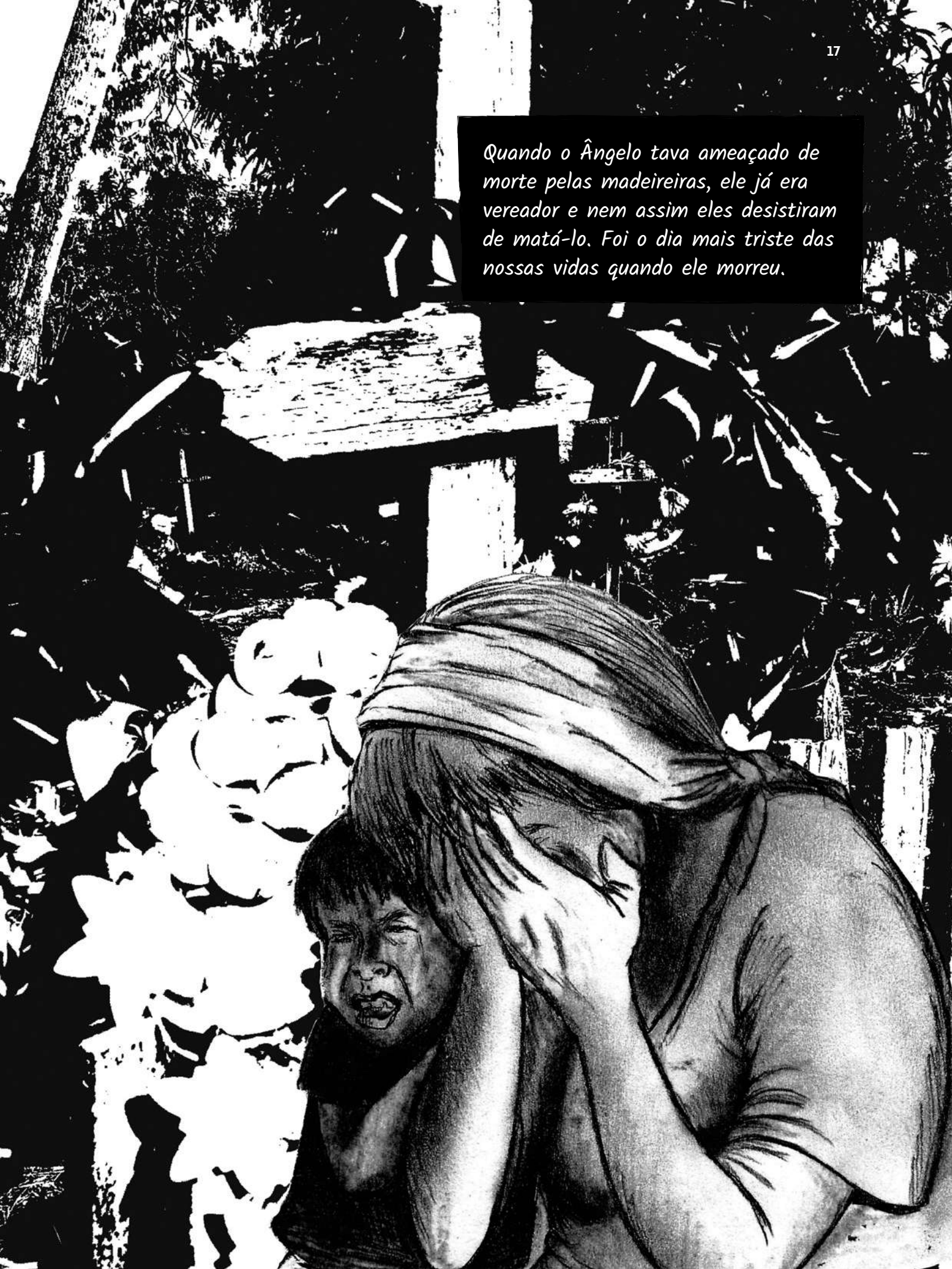
O Ângelo sempre foi líder e ajudou até os Xavante. Eu conheci muitas tribos lá em Brasília, viajamos muito, mas o Ângelo nunca fez nada por conta, sem reunir todo mundo, todos que lutavam pelas terras, ouvia todo mundo. A FUNAI não fazia isso e quem não entendia bem as coisas ia sofrer.





Ângelo foi morto pelos madeireiros. Prepararam uma emboscada para ele, esperando a baratinha dele chegar. Os policiais que estavam com ele fizeram os bandidos correrem, mas ele já estava condenado. Três dias depois, ele morreu no hospital.

Quando o Ângelo tava ameaçado de morte pelas madeiras, ele já era vereador e nem assim eles desistiram de matá-lo. Foi o dia mais triste das nossas vidas quando ele morreu.



Desde quando eles foram lá na ponte do Paraguay para assinar o acordo e fizeram a demarcação que mostrava onde ficavam nossas terras, eles mesmos sumiram com os papéis que era um direito nosso para depois dizer que foram eles que deram.

O exército só queria as estradas, depois é que as madeiras queriam tirar os pinheiros que estavam aqui, que era a maior reserva de pinheiro do Brasil.



O índio não sabe fazer política. A gente não pensa no dinheiro como esse povo que é muito ganancioso. Eles brigam um com o outro, depois tão tomando mate. Nós, não. O índio do passado tinha amor um no outro, não sei se era porque tinha pouco.

A gente nasce pelado e morre pelado.

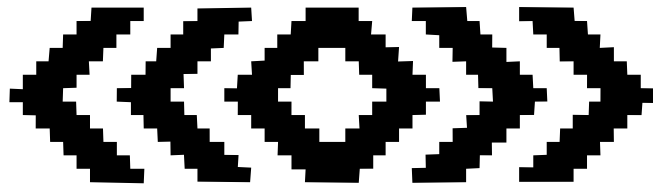






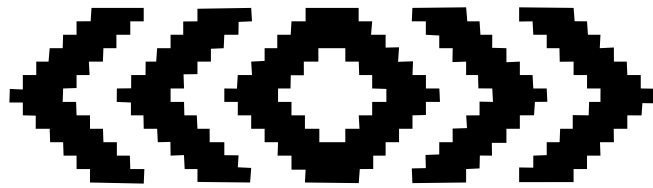






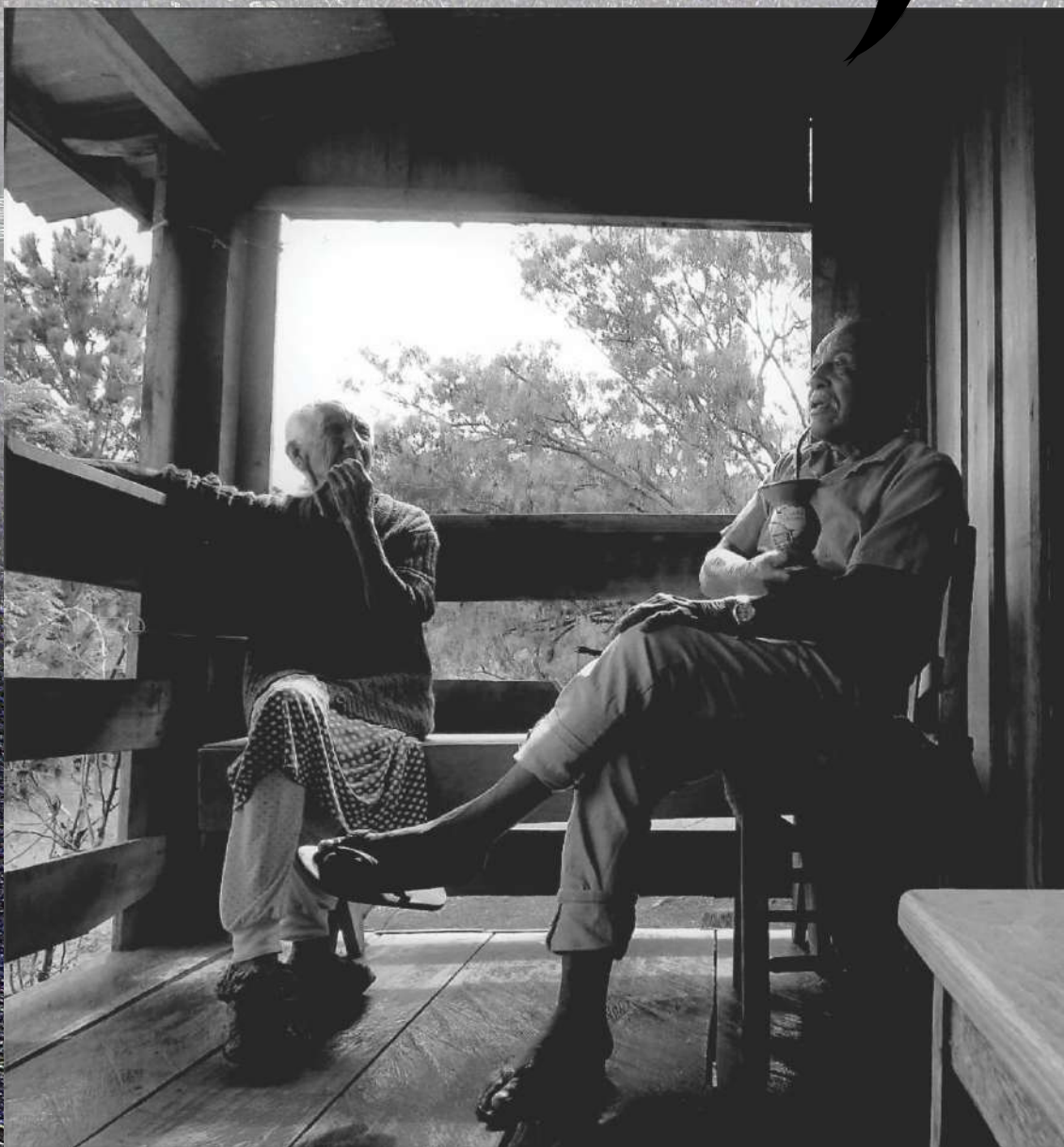
**MI ISŌG ĒKRĒG
TĪ ĒG VĀSĀN
E JĀ ĒNĒ MI**

Língua Kaingang



MŤ KI KANHRÓ CHICA: KI SÓG ĚKRÉG MŮ, GA TAG VŤ TŤ ĚG TŮ NŤ. JÉ ĚG TÓG VASĀNSĀN E HAN, HĀRA NÉN KAR VENH KE VŤ JAGY TŤGTŤ. INH SŤ KĀ SÓG PĚNPĚN TŤGTŤ, KÓFA AG KIGÉ, SŤ (10 ANOS) RA HĀ SÓG SŤNERA, PĚNTURO TI RŤG E JA NŤGTŤ.

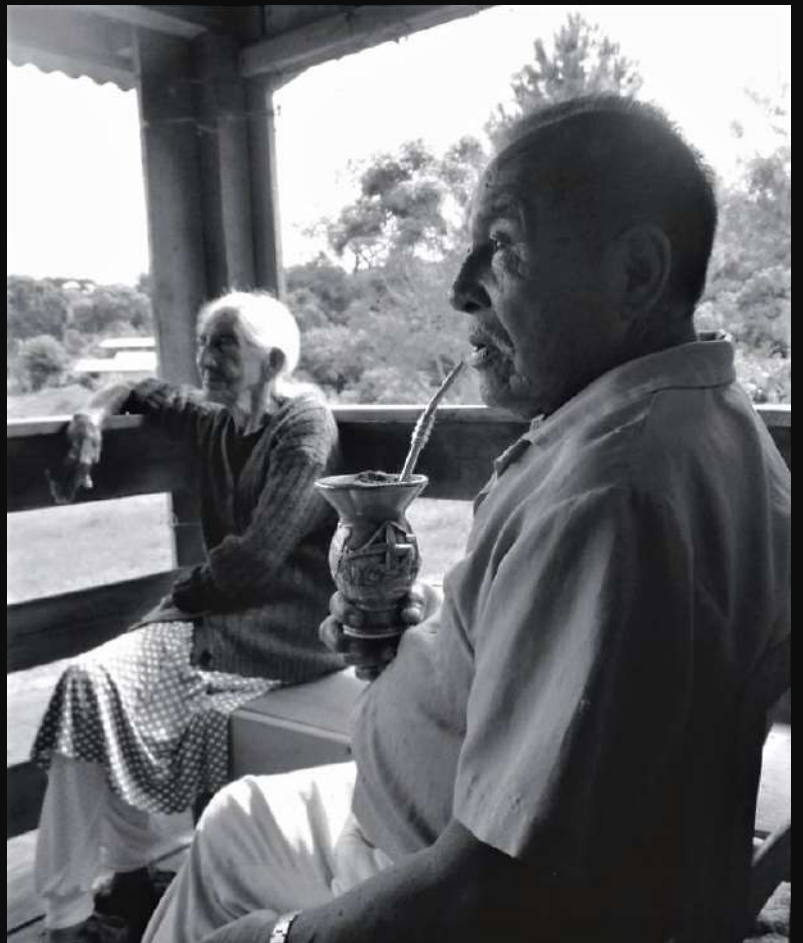
KUSĀ PĚ TÓG TŤE JA NŤGTŤ. ŮRI KE TAG VE KŤ, KŤ ĚG TÓG PŤ RĀ NĀGNĀ E JA NŤGTŤ, KUSĀ KI ĚG TÓG RŤNRŤN TŤ, KU KRYR NŤ ĚNĚ KĀMŤ ĚG TÓG SĀNSĀN MŮG TŤ, KUSA TŤ TŮM KE ĚNĚ KĀGKI ĚG TÓG MROGMRO TŤ, VĚNHKUPE HAN ĚG TŤ, KŤ TÓG ĚG MŤ RŤ TŤ MĚ TŤGTŤ.



ĚKRÉNH AG TĚ, ÓGSĚ, KĚME,
 HINH, PIRĚ, VĚJĚN HA KO E JA
 AG TÓG NĚGTĚ, GĚR, FĚG, TĚJŮN,
 VĚNH KĚMĚKAKANĚ, MĚG KI GĚ,

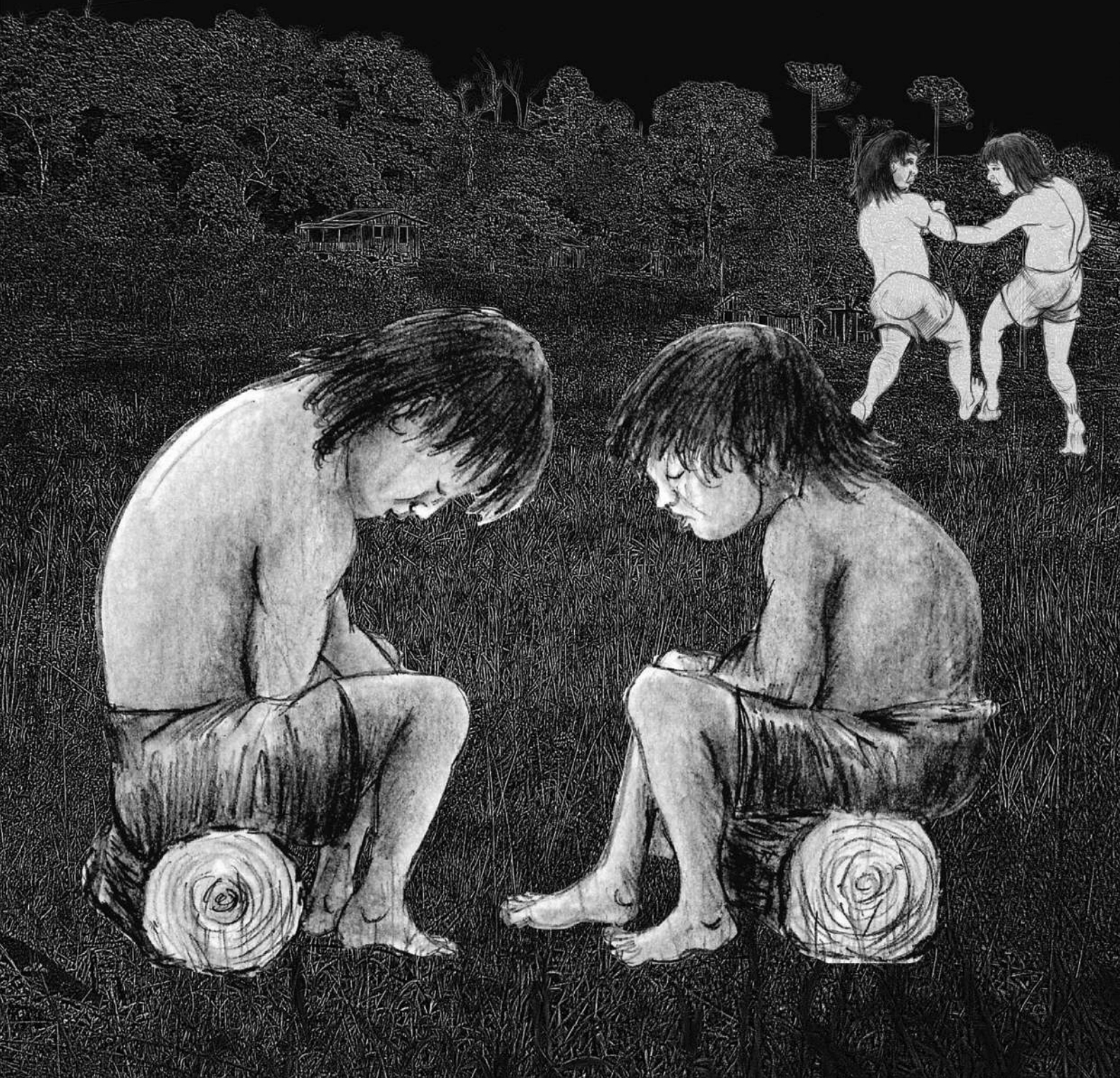


MŮ ĚG TĚ, NĚN GĚNH JĚ
 NIQUELZINHO. MRĚ, KUMPRA
 HE ĚG TĚ, FARĚNH, KAR KĚ KURU
 KI GĚ, KĚ ĚG TÓG GĚNH KY
 KĚMŮ TĚ, ASUKA TŮ JA TÓG,
 TĚGTĚ, MĚG PĚFYN E JA TÓG
 NĚGTĚ INH PANH TĚ.



ANGELO MŸNH FITÓG, ĚG
 MŸ VĚMÉN TĪ, VĚSU JŮEJŮ TŮG NĪ,
 TŸ ĀJAG V ĚNH RÉGRE NĀTĪ, VĚNH
 MRÉ ĀJAG MOGMOG KŸ NĀTĪ.
 KAR KY TI TŸ TŸ, KASIKE JĚ MŮ KĀ,
 ĚG TÓG VĚNHMRÉ VĚMÉN, INH
 MŸ TÓG Ā PĀNĪ VEN JĀ TŮ NĪ.

ĚG TŸ KĀ MŮMŮ ĚNĚ KĀ TÓG CHEFE
 MILITAR NĪE JA NĪGTĪ ANGELO MRÉ
 INH SÓG MOG KŸ NĪGTĪ, KURĀ KAR KI
 ĚG TÓG E JA NĪGTĪ, KI TÓG MONH E
 JA NĪGTĪ, ĚG MŸ AG KANHINNHĪR. TÓ
 E ĀJAG TŮ VĚ E JĀ NĪGTĪ, HĀRA AG
 TÓG KANHGÁG AG KURĀ KĀHĀ, TINĪ
 MA KĀMŮ TĪ, AG TŸ MA KĀMŮ SÓR
 KŸ HĀ, HERI KEN KY VÉ?



VÄSŸ ĚG TÓG KÄVÄRU KRI MŮG TĪ,
ĚPRY HYN HAN E JA ĚG TÓG NĪGTĪ, KI
ĚG TÓG RĪR KÁN E JA NĪGTĪ, HĀRA ĚG
TÓG URI TŮ TŮ NĀTĪ HA.





FAGRĪNH MŸ TÓG, ĚG MŸ GA
TĪ NĪM TŮ NĪ, KUMPRA HE RI KE
HAN ĚG TÓG MŮ, ĚG RĀNHRĀJ
TUGRĪN, ĚPEY HAN E JA AG TÓG
NĪGTĪ. GOVERNO AG MŸ, GA TŸ
MANGUEIRNHA TÓG TŸ NÉN TŮ
NĪ E JA NĪGTĪ, EXÉCITO AG, KAR
KŸ MADEIREIRO, KA FUNAI AG
TÓG FÁG ĚNĚ TŸ TŮ E MŮ.

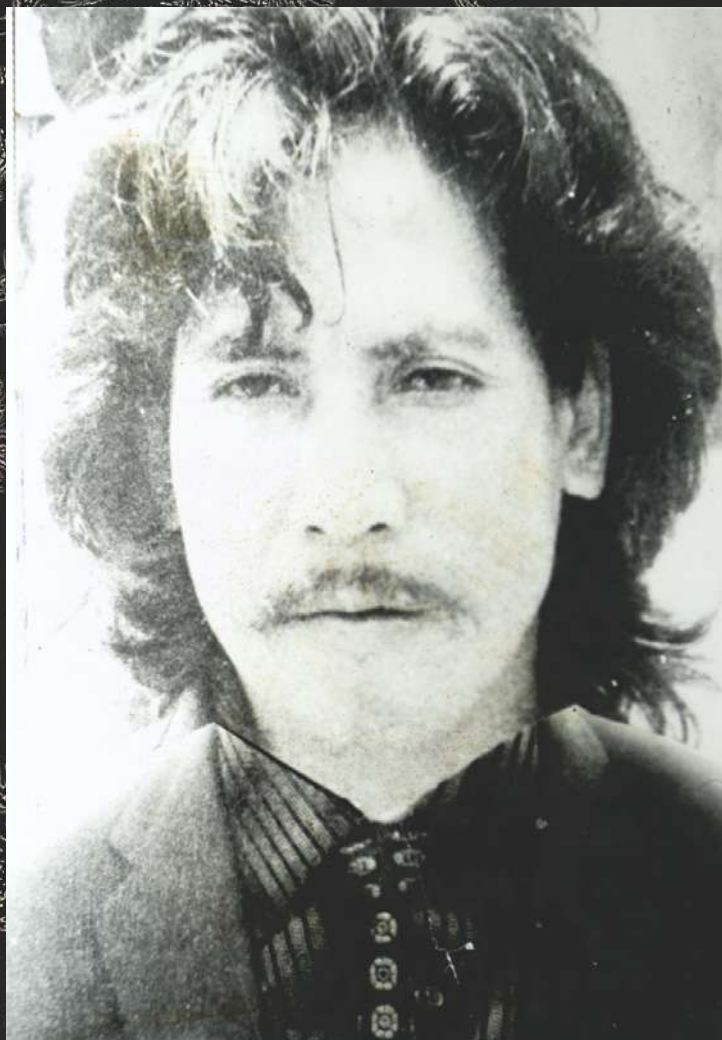
Ā MŸ KI KANHRÓ CHICA?
Ā RÉGRE VŸ AG MRÉ ĚPRŸ
HAN E JA NĪGTĪ, CRIADA
FUNDA (ATÉ PASSA QUATRO)
KANHGÁG AG TŸ HAN JA VĚ,
FÁG MÁG ĚNĚ KYKYM E JA
AG TÓG, MÉG TŸ, HĀRA TÓG
ĚNĚ KĀ SERRA TŮ TĪ E JA
TĪGTĪ, TÓRA TĪGTĪN E JA AG
TÓG NĪGTĪ.





ANGELO TÓG KI KANHRÓ
 NĚÉ, ĚG PIJÉ BARRACO
 KRĚM NĚTĚNH KE MŮ VĚ K
 ĚTÓG MADEIRA PĚ TĚ VĚ,
 HĚRA ĚG TÓG JAGTAR
 NĚTĚ, ĚG JAGTAR MŮ JĚVĚ
 MADEIREIROS AG TÓG,
 ĚG MADEIRA TO VĚNH
 RIKONMŮ, KĚ ĚG TÓG ŮRI,
 VĚSĚN MŮG TĚ BĚ.

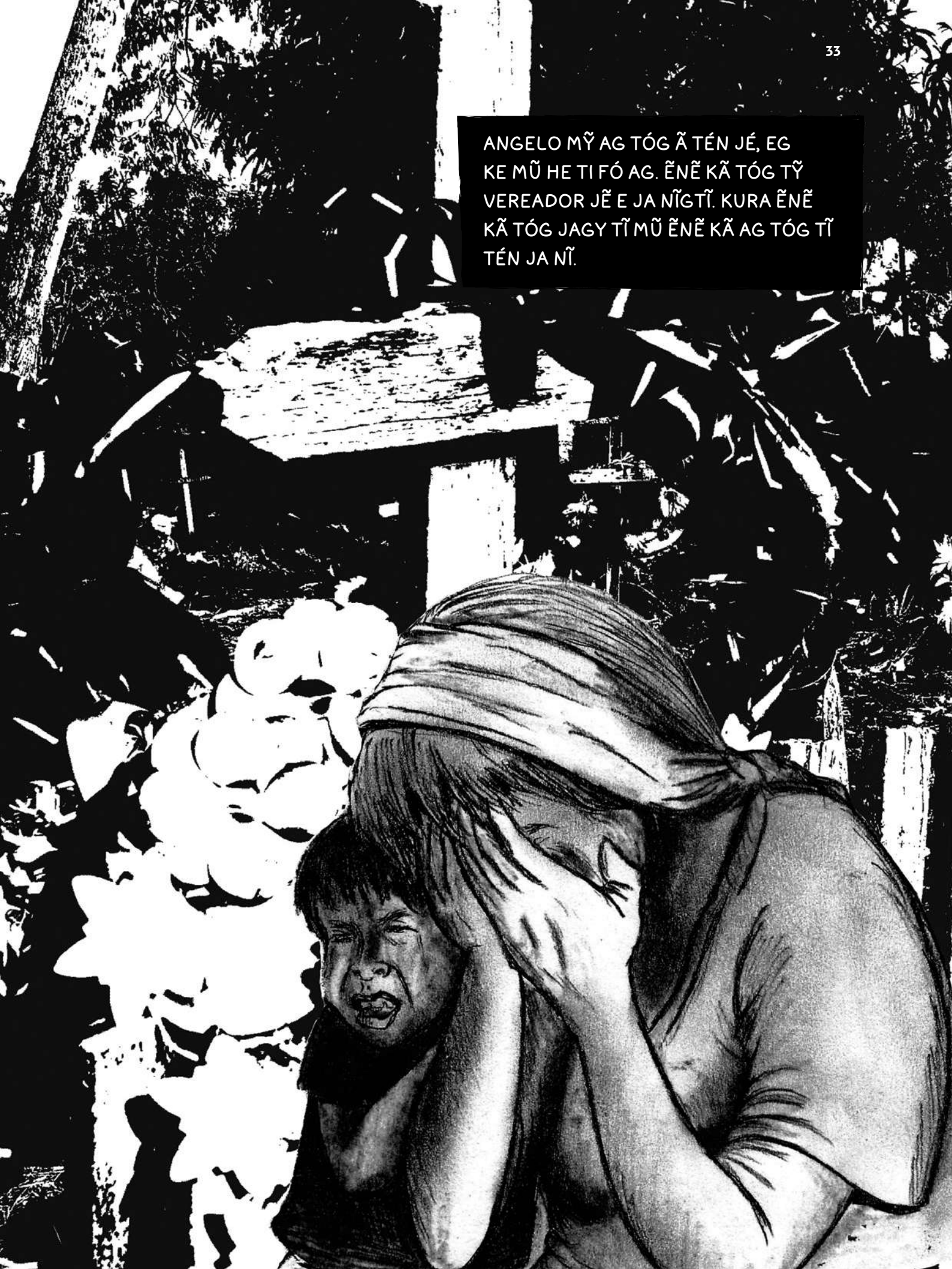
ANGELO TÓG TŸ ŮN MÁG JĚ E JA
NĪGTĪ, XAVANTE AG MRÉ HĚ, BRASILIA
RA MŮ MŮ ĚNĚ KĀ TÓG, TŸ ŮN E AG VE
JA NĪGTĪ, ANGELO TÓG Ā PĪR MŸ NÉN
HAN KĀN, JĀTŮ NĪGTĪ AG KAR JÉ TÓG
KE E JA NĪGTĪ, ŮN TŸ KAGTĪG NĀTĪ MŮ
ĚNĚ AG TÓG JAGTAR A JANĪGTĪ.





ANGELO TÉN JA AG TÓG NĪGTĪ,
MADEIREIROS AG, POLICIAIS
TŸ FÓG AG TÓG TI MRÉ NĀTĪ JA
NĪGTĪ, KĪ BANDIDOS AG TÓG
PIETĚ MŮ, KURĀ TŸ 3 HAN KŸ
TÓG TER NÚ HOSPITAL TÁ.

ANGELO MŸ AG TÓG Ā TÉN JÉ, EG
KE MŮ HE TI FÓ AG. ĚNĚ KĀ TÓG TŸ
VEREADOR JĚ E JA NĪGTĪ. KURA ĚNĚ
KĀ TÓG JAGY TĪ MŮ ĚNĚ KĀ AG TÓG TĪ
TÉN JA NĪ.



AG TŸ, PŮNTE TŸ PARAGUAI TÁ
VĚNHRÁ ASSINA HENN MŮ KŸ,
DEMARCAÇÃO TO, HEN TÁ ĚG GA
TŸ NĀTĪ ĚNĚ TOKE VĚ, PARÉ ĚNĚ
GĚNH KŸ AG TÓG VĀFĀR MŮ, TŸ
ĚG, TŮRA, AG TŸ KAR KŸ, ĚG HĀ
VŸ AG MŸ VĪN HE JÉ.

EXÉRCITO AG TÓG ÉPRŸ, HĀ JÉ KE
É, MADEIREIROS AG TÓG FÁG HĀ
JÉ KE, E, JÁ NĪGTĪ, ĚNĚ KĀ TÓG TŸ,
RESERVA MÁG NĪE JA NĪGTĪ.



KAINGANG AG PÉ POLITICA HÁN KI
KANHRÁ NĀTĪ NINHERO JÉ AG TÓG KE TŪ
NĪ, JŪGJEĪ AG TĪ JAGNĚ TÓ HARA AG KANH
MARI JAGNĚ MRÉ MATE HE NATĪ KAR KŸ,
VASŸ KE AG TÓG JAGNĚ TO HÁ NATĪGTĪ AG
HÁ MY TŸ NÉN PĪR NATĪ EVÓ. ĚG VĚNHVĚM
(ĚG MŪR KŸ) ĚG TÓG KATOR VĚNHVĚM TĪ
KAR, KŸ ĚG TÓG ĚG TER KŸ KATOR RI KE TĪ
UM, ĚG PIJE NÉM Ū MA TĪG.













COLEÇÃO RETOMADAS

A Universidade e seu conceito universal de criação do conhecimento foi e ainda é centro de emanção dos propósitos e diretrizes dos invasores colonizadores do *mundo moderno*. Muitas vezes, cria conceitos que legitimam o *mundo moderno*, controlando, classificando e definindo nossos povos indígenas originários.

Por essa razão, esta instituição se torna instrumento operado pela colonização para silenciar os saberes e ciências dos nossos povos indígenas originários. No entanto, as universidades estão sendo instigadas pelos povos indígenas que têm ocupado esses espaços a repensar e a pensar outros conceitos e formas de se relacionar com a Terra, o que tem ampliado os debates acerca das cosmologias e dos modos de vida.

A necessidade da ampliação desses debates não surge da *boa vontade* das universidades e de seus operadores, mas, sim, da fustigante fricção do movimento dos povos indígenas, que abrem espaço no meio universitário e trazem outras perspectivas, expandindo as discussões acerca dos povos, da relação com a Terra, da relação com a vida e da relação com o consumo. Nossos povos são povos

cúmplices da Terra, bem diferente do povo do *mundo moderno* que é o povo do consumismo.

A questão cosmológica dentro das universidades vem ganhando visibilidade, velocidade e força a partir de diferentes movimentos articulados pelos povos indígenas originários. Hoje, de certa forma é bem mais comum tratar esse tema em algumas universidades. Porém, nossas cosmologias ainda são abordadas a partir do pensamento e cosmovisão dos invasores brancos, que teimam em querer nos ensinar a como pensar a vida da mesma forma que eles pensam.

Essa é uma questão mal abordada pelos doutores das universidades, que aludem a nossos povos numa perspectiva genérica do *mundo moderno*. Cada povo é um mundo, uma cosmovisão, uma perspectiva. Cada povo tem uma maneira de viver, sentir e perceber a Terra e o território onde está. Logo, para uma proposta de aproximação e diálogo entre nossos povos e a Universidade é necessário que esta entenda que nossos povos não são genéricos.

A Universidade em seu nome abriga o conceito do universal e nossos povos são plurais. Para a universidade ampliar o debate com os povos indígenas originários, ela tem que rever seu conceito de



universalidade. A partir da tentativa de diálogo entre universidades e povos indígenas podemos pensar como esse movimento será importante para afirmar as retomadas das narrativas dos povos indígenas originários. Com a ampliação do debate cosmológico, poderemos compor trocas de conhecimentos, numa convivência entre nossos mundos indígenas e o mundo moderno. A Universidade pode deixar de ser um espaço de colonização e se tornar um espaço de amplificação dos plurais modos de vida.

A proposta da **Coleção Retomadas** é apresentar e retomar outras perspectivas de vida, sensibilidade e pensamento trazidos pelos povos indígenas originários, por meio do a) questionamento da história oficial do mundo moderno, do b) relato das experiências coletivas indígenas de sentir e perceber a Terra e da c) expansão e apresentação das retomadas indígenas conceituais, buscando criar e ampliar áreas de pensamento acerca da própria Universidade e para além dela.

Precisamos enxergar cultura além da visão de mercado, além de um ciclo vicioso de reafirmação de um poder hegemônico e de epistemologias forjados das correntes que nos amarram ao passado criado pelo colonizador e que, até hoje, nos impedem de

reconhecer outros modos de vida. Dar voz aos nossos parentes e assegurar-lhes o direito de registrar suas vivências sob uma perspectiva sua, apresentar cosmovisões de resistência que impulsionam nossa retomada por uma cosmologia que respeite a vida e as diferenças, que lhes são naturais.

A **Coleção Retomadas** é fruto da coragem de romper estruturas e convenções que insistem em nos apartar do que somos como condição para sermos ouvidos. É um ato de insubmissão, em que nós indígenas nos desvencilhamos da condição passiva, limitada e muda de objeto de estudo em que somos descritos por aqueles que não partilham de nossos mundos, para mostrar que também somos sujeitos que contribuem para a construção de saberes. É uma chamada de retomada, um movimento pela pluralidade de conhecimentos que não podem ser acessados por aqueles que não se permitem ver além da generalização das identidades artificiais que nos impuseram.

*Eliana Souza Tremembé
Felipe Coelho Iaru Yê Takarijú*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

REITOR

Miguel Sanches Neto

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS CULTURAIS

Maria Salete Marcon Gomes Vaz

EQUIPE RESPONSÁVEL PELA COLEÇÃO RETOMADAS

Álvaro Franco da Fonseca Junior

Eliana Souza Tremembé

Felipe Coelho Iaru Yê Takarijú

Ingrid Ribeiro Olanda Bonifacio Tremembé

Julia Isabela de Souza Kaingang

Letícia Fraga

Lígia Paula Couto

Mariana Fraga da Fonseca

Rachel Libois

Rosilene Gynprag Abreu

CONSELHO EDITORIAL COLEÇÃO RETOMADAS

Aline Ngrenhtabare Lopes Kayapó

Casé Angatu

Eliane Potiguara

Felipe Milanez

Florencio Rekayg Fernandes

Geni Nuñez

Gersem Baniwa

Márcia Wayna Kambeba

Taquari Pataxó

© Alzemiro Ferreira dos Santos.

EQUIPE EDITORIAL

EDIÇÃO Letícia Fraga e Álvaro Franco da Fonseca Junior

REVISÃO EM PORTUGUÊS Letícia Fraga

TRADUÇÃO PARA O KAINGANG: Rosilene Gynprag Abreu

CAPA E ILUSTRAÇÕES Álvaro Franco da Fonseca Junior

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Carlos Bauer

1ª edição, 2023.

Este livro foi composto em Noka, Piazzolla, Kalam e Bad Comic. O papel do miolo é o sulfite 75g/m² e da capa é o duplex 250g/m². Impressão e acabamento foram feitos pela gráfica da UEPG. Foram produzidas 200 unidades.

FINANCIAMENTO



APOIO



K13 Kaingang, Alzemiro dos Santos
Lembranças de lutas e saudades [livro eletrônico]/
Alzemiro dos Santos Kaingang. Ponta Grossa: UEPG/
PROEX, 2023. 40p. Livro eletrônico.

ISBN: 978-65-86967-76-0

1. História em quadrinhos na educação. 2. Minorias.
3. Grupos étnicos. 4. Kaingang - indígenas. I. Kaingang.
Alzemiro dos Santos. II. T.

CDD: 323.1

Elaborado por Rodrigo Pallú Martins — CRB 9/2034/O



Sabe, Chica, eu estava lembrando como a gente lutou por essa terra que sempre foi nossa, tudo sempre foi difícil. Quando eu era criança, não usava calçado, nem os velhos usavam calçado, eu só usei com dez anos. A gente dormia ao lado da fogueira. Era muito mais frio que agora. Depois, bem cedinho, a gente acordava e ia no lajeado, pisando na geada. Aquela fumaça do frio levantava e a gente se lavava lá, a água era mais quente que o ar.

Quando a gente veio pra cá, tinha um chefe militar que diziam que era o encarregado. Eu cresci do lado do Ângelo, nós brincávamos nesses matos, nesses campos todos os dias. A internada era cheia de gado. Eles diziam que era nosso, mas hoje eles trazem carne só no dia do Índio, na hora que eles querem. O Ângelo sabia que nós não podíamos viver em barraco com tanta madeira que tiravam daqui. A gente, pobre, e os madeireiros, mandando madeira pra fora, ficando ricos. Ele lutou até o fim e nós continuamos lutando. Quando o Ângelo tava ameaçado de morte pelas madeiras, ele já era vereador e nem assim eles desistiram de matá-lo. Foi o dia mais triste das nossas vidas quando ele morreu. O índio não sabe fazer política. A gente não pensa no dinheiro como esse povo que é muito ganancioso. Eles brigam um com o outro, depois tão tomando mate. Nós, não. O índio do passado tinha amor um no outro, não sei se era porque tinha pouco. A gente nasce pelado e morre pelado.

ALZEMIRO DOS
SANTOS KAINGANG



COLEÇÃO RETOMADAS é pensada e desenvolvida por indígenas, para divulgar os saberes e conhecimentos indígenas. Objetivamos que essa divulgação impacte o espaço da universidade e também fora dela, alcançando todos os públicos.

Encontramos aliados no Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI) que, numa ação genuinamente coletiva, abraçou nosso projeto como parte de um movimento muito maior de retomada, tornando-o possível. O CEAI é vinculado ao Programa de Extensão Laboratório de Estudos do Texto da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

A coleção propõe apresentar e retomar outras perspectivas de vida, sensibilidade e pensamento trazidos pelos povos indígenas originários, por meio do questionamento da história oficial do mundo moderno, do relato das experiências coletivas indígenas de sentir e perceber a Terra e da expansão e apresentação das retomadas indígenas conceituais, buscando criar e ampliar áreas de pensamento acerca da própria Universidade e para além dela.

Conheça e acompanhe o trabalho do CEAI:

 [ceai coletivo indígena](#)

 [ceai_oficial](#)

 [ceai coletivo](#)

